

História de um Livro = Story of a Book
por Maria Madalena da Coroadinha Fialho Romão Mira

Resumo

Descrição do percurso da criação e edição do livro *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio: história de um espaço urbano*, coordenado por Miguel Figueira de Faria, com destaque para o trabalho desenvolvido pela Cristina Dias, investigadora da Universidade Autónoma de Lisboa.

Abstract

Description of the route creation and edition of the book *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio: história de um espaço urbano*, coordinated by Miguel Figueira de Faria, highlighting the work done by Cristina Dias, a researcher at the Universidade Autónoma de Lisboa.

.

Palavras-chave: Livro; edição; processo editorial;

Keywords: Book; editing; editorial process;

Introdução

O que é um livro? A resposta não é simples. A multiplicidade de aspetos que envolve cada um destes objetos é tão grande que induz a múltiplas visões e perspetivas. Este texto não analisa o conteúdo de um livro, que aqui fiquem expressas as nossas incapacidade e falta de habilitações para o fazer no domínio da essência do tema. Pretende-se somente apreciar a obra final, o produto, comercializável se quisermos, o livro como peça e o seu trajeto. Sobre o conteúdo, e para além da coordenação, já mencionada, a lista de autores fala por si: Aline-Gallasch-Hall, António Filipe Pimentel, Cristina Dias, Hélder Carita, José

de Monterroso Teixeira, Maria Helena Barreiros, Maria Helena Ribeiro dos Santos e Miguel Soromenho.

Tudo começa numa ideia que, como qualquer gravidez, tem um determinado percurso e vários outros intervenientes para além dos pais, a começar nos médicos e a terminar na família. Aqui foram vitais os autores e medular o comando estrutural do coordenador, Miguel Figueira de Faria; associam-se, como em qualquer outra edição, os gráficos, paginadores, técnicos informáticos, editores, revisores, entre outros.

Dos antecedentes

Esta é a história de um livro em particular, feito a várias mãos. Se o pai é declarado e muito visível, a mãe foi, como todas as mães, decisiva para levar a bom porto um livro excepcional, em todas as suas vertentes.

Quando Miguel Figueira de Faria decidiu fazer o livro *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio: história de um espaço urbano* desconhecia que estava a iniciar um processo que culminaria na atribuição de um prémio¹. Era seu objetivo, bem como de toda a equipa de criadores, ‘... oferecer ao público um elemento seguro de informação e consulta, onde se estabelecesse, simultaneamente, a fixação da doutrina e a renovação do estado da questão’². Por outro lado, era igualmente uma meta a atingir a criação de um utensílio que aglomerasse uma base substancial e durável de dados bibliográficos e iconográficos sobre “...a praça mais nobre da cidade”³.

Este livro é o segundo marco de uma trilogia iniciada com *Praças Reais, Passado, Presente e Futuro*⁴ e que se consuma com a edição crítica da obra *Descrição analytica da Execução da Real Estátua Equestre*⁵, de Joaquim Machado de Castro, em curso, trindade inscrita no roteiro da linha de investigação *Urbanismo e Monumentos Públicos* que, dada a sua substância pluridisciplinar, evolui numa parceria entre o Centro de Investigação em

¹ Prémio José de Figueiredo, 2013

² FARIA, Miguel Figueira de (coord.) - *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio: história de um espaço urbano*. Lisboa: INCM; UAL, 2013, p. 7

³ *Idem, ibidem*, p. 10

⁴ FARIA, Miguel Figueira de (coord.) - *Praças Reais, Passado, Presente e Futuro*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008

⁵ Disponível online em <http://purl.pt/960>, na Biblioteca Nacional de Lisboa.

Ciências Históricas (CICH) e o Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território (CEACT), unidades de investigação da Universidade Autónoma de Lisboa.

Durante anos referimo-nos a este trabalho como os *Estudos da Praça do Comércio*, tendo o título final sido decidido já a mais de meio do percurso e discutido entre os investigadores que assinam os textos, num total de nove, e que o coordenador sintetiza da seguinte forma: “... procura compreender a progressiva metamorfose do Terreiro do Paço/Praça do Comércio como referente da cultura urbanística de Lisboa. Organizado numa linha de escrutínio evolutivo das soluções arquitetónicas e monumentais que se sucederam e da utilização quotidiana que, entre os séculos XVI e XIX, se deu a este espaço nobre da cidade de Lisboa, *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio* oferece ao público um conjunto de ensaios que constituem uma fonte segura de informação e consulta”⁶.

Da eclosão

Até uma determinada fase o livro em si é apenas um conceito, o coordenador define as balizas temporais para cada autor de acordo com as suas mais-valias de investigação, ajustam-se os tempos históricos para que não haja sobreposições e há um trabalho individual na escrita dos artigos.

Em todo este processo pedem-se documentos a bibliotecas e arquivos, pensam-se as imagens ideais para ilustrar os textos que, não tardará, se consubstanciam numa pesquisa em arquivos nacionais e estrangeiros para as conseguir.

Só estas diligências mereciam um relato autónomo com a descrição dos processos de aquisição e dos preços das imagens – alguns inacreditáveis, o que nos conduz à inevitabilidade de reflexão sobre a capacidade e possibilidade de se fazer investigação em Portugal, que assim é cerceada, dificultando o acesso e a divulgação de informação, garantindo a manutenção das imagens apenas nos arquivos, supostamente preservando-as para uma memória futura de um futuro que, nestas condições, não chegará nunca.

⁶ Palavras proferidas na apresentação do livro.

A dinâmica da pesquisa, da localização das imagens, da troca de correspondência, dos pedidos de orçamento e aquisição, dos envios dos ficheiros ou das imagens em diferentes suportes, dos pagamentos, da gestão dos direitos autorais e de propriedade, dos requisitos de definição das imagens para edição, foram tarefas que passaram pelas nossas mãos – embora o nome não conste em parte alguma, por esquecimento benigno, acredita-se.

Para se ter uma ideia da dimensão da atividade mencionada vejam-se as entidades portuguesas às quais foram pedidas imagens, cuja recolha e organização foi da nossa responsabilidade, com o apoio da Marta Lourenço Silva:

Academia Nacional de Belas-Artes,

Arquivo das Obras Públicas,

Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa,

Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações,

Arquivo Municipal de Lisboa,

Arquivo Nacional Torre do Tombo,

Biblioteca Nacional de Portugal,

Convento de Mafra,

Gabinete de Estudos Olisiponenses,

Instituto Geográfico Português,

Museu da Cidade de Lisboa,

Museu dos Coches,

Museu dos Condes de Castro Guimarães,

Museu Nacional de Arte Antiga.

A estas há ainda a adicionar as entidades estrangeiras:

Arquivo de Estado de Turim,

Arquivo Geral das Índias,

Arquivos da Universidade de Laiden na Holanda,

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e

British Library.

Por outro lado, a acrescer a estas há ainda a recolha de documentos diversos nos seguintes locais:

Arquivo da Biblioteca Pública de Évora,

Arquivo da Casa Sobral,

Arquivo Geral de Simancas,

Arquivo Histórico Militar,

Arquivo Histórico Municipal de Lisboa,

Arquivo Histórico do Tribunal de Contas,

Arquivo da Imprensa Nacional Casa da Moeda,

Arquivo Municipal de Bolonha,

Arquivo Nacional do Rio de Janeiro,

Arquivo Secreto do Vaticano,

Arquivo dos Serviços de Fortificações e Obras do Exército,

Biblioteca da Academia das Ciências,

Biblioteca da Ajuda,

Biblioteca José Mindlin,

Biblioteca Nacional de França,

Museu-Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança e

Palácio Ducal de Vila Viçosa.

Cada entidade tem as suas regras de cedência, os seus formulários, os seus preços. A Câmara Municipal de Lisboa, através da Vereadora Catarina Vaz Pinto, decidiu oferecer as imagens pedidas, assumindo a importância do livro para a Cidade em si.

Porém, se uns se associam à investigação partilhando recursos, outros parecem gostar de os guardar para si. A existência de regulamentos de utilização de imagens sugere uma prática fluída quando, afinal, se consubstanciam em labirintos processuais dispendiosos

em tempo e dinheiro, insensíveis à investigação, inibidores da partilha, zeladores da falta de bom senso.

A definição de *uso comercial* é igualmente equívoca e pouco esclarecedora e a pretensa promoção da salvaguarda do património cultural móvel assume-se por vezes como um acesso a uma inexpugnável muralha. Para além dos procedimentos escritos há ainda os pequenos poderes alicerçados em invictas vontades e humores pessoais, contra os quais ninguém pode.

Desta forma, numa altura em que a cultura digital alastra, em que os Repositórios Institucionais se multiplicam, em que se fortalece o domínio público digital, em que todos deveríamos contribuir para o crescimento do acesso partilhado, do acesso aberto, numa altura em que temos uma Europeia à nossa disposição, como fonte e como modelo, opta-se em grande parte dos casos por um afunilar das possibilidades de acesso.

Os Arquivos Municipais de Lisboa materializaram as raras exceções, que sempre confirmam a regra, verificando-se uma rapidez muito maior nos contatos, pedidos e receções de imagens do estrangeiro que de Portugal.

Do livro

Não há livros sem conteúdos. A ciência, nesta matéria, foi missão liderada sempre de forma ímpar pelo coordenador, exigente, atento, metuculoso, metódico, conhecedor. Mas os conteúdos só por si não fazem o livro, o objeto final, o conjunto, a agregação dos gomos.

A gestão da imperceptível disciplina de junção dos elos, a aglomeração e sistematização de informação, a ponte entre o coordenador e os autores, a veia que transportava a destreza das ligações entre todos os envolvidos, a artéria que conduzia a esclarecimentos administrativos e técnicos, entre outros, era a Cristina Dias, sendo ela própria também autora de um texto, o mais visual e sedutor do conjunto.

No processo de criação do livro em si – editado pela Imprensa Nacional Casa da Moeda em parceria com a Universidade Autónoma de Lisboa - uma conceção com múltipla autoria, propensa a ritmos vários e cadências desiguais, fruto das diferenças de mister de

cada autor, Cristina Dias teve um papel fundamental, manifestado pelo coordenador, bem como pelos demais intervenientes.

Sabe quem edita, quem publica, que uma obra desta essência transporta um corrúpio de documentos para cá e para lá, inúmeros encontros entre os autores e o coordenador, um trabalho intenso de coordenação, discussões e debates sobre os conteúdos, adiamentos face a descobertas bibliográficas impossíveis de não incluir nos textos.

Até agora são apenas e só isso mesmo, textos, ainda não há livro, embora a aproximação seja cada vez maior. O livro em si começará a ganhar forma depois de um trabalho imenso e invisível de repetidos pedidos para que se entreguem os textos, de contatos, de mensagens escritas, de revisão de imagens e legendas, num labor denso, musculado em capilares acções e tarefas imperceptíveis; mais tarde, o conjunto dos textos, qual crisálida, começa a ganhar a forma de livro já na gráfica, mas há que rever as provas, há que garantir o encadeamento da correspondência e dos contatos com os autores, com os *designers*, há que reunir com os responsáveis editoriais, há que voltar a verificar fontes e bibliografia, há que trabalhar com técnicos informáticos e arquitetos para moldar e criar as maquetes originais, únicas e inéditas que integram o texto mais peculiar, o de Cristina Dias, precisamente a mesma pessoa que executou o trabalho descrito, despercebido e oculto aos olhares leigos na arte de fazer livros, labor sempre repetido na lida de dar à luz um livro.

São ações que se repetem com a gráfica, de averiguação de rigor, de apuramento de pormenor, de exame do detalhe, de conferência de acertos, tudo numa lida de minúcia, que impõe um ir e vir de pessoas e papéis, obrigando a análises atentas de um todo, já livro, embora incipiente. Que não se leia aqui qualquer indício de afastamento do coordenador da concepção do próprio livro, já para lá da articulação da escrita dos textos; sabe quem o conhece que não prescinde de fazer valer a sua razão em todos os aspetos desde a fisionomia da paginação, à edição das imagens, passando pela capa e pela encadernação, não deixando escapar nada, num atilado controlo. À sua altura esteve, pois, a energia do motor, com uma eficiente preservação de segurança dos processos, e garantindo a infalibilidade da prossecução do objetivo, a Cristina Dias.

Dando voz à nossa experiência em matéria de edição, parabenizamos esta investigadora que, em simultâneo com a dedicação à criação do livro em si, também apresenta um texto, complementado com imagens que criou, com base em documentos inéditos descobertos por ela, e que permitem uma realização rara: podermos visualizar a própria História, não através da pintura, da escultura ou do tombo, onde o tempo histórico fica prisioneiro da pedra, na tela ou no papel para gáudio dos olhares do futuro. A visualização do passado que a investigadora nos apresenta, deixa-nos os pés no momento presente e garante um avistar de momentos pretéritos, com recurso à ajuda de tecnologias atuais.

No caso, é-nos exibida a Praça do Comércio no dia da inauguração da estátua equestre de D. José, com a localização das pessoas e grupos sociais, as fases de construção da Praça nos reinados de D. José, D. Maria I e D. João VI, e a sua posterior ocupação, entre 1769 e 1821.

Apontamento final

O conjunto dos textos que compõem o livro é exemplar e para o provar não ficam estas palavras mas sim a atribuição do Prémio José de Figueiredo pela Academia Nacional de Belas-Artes ou as avaliações dos pares na matéria, todas concordantes na cientificidade, na profundidade da investigação e na crítica.

Fizemos um acompanhamento sombra do percurso deste livro, com uma intervenção direta, como já foi relatado, ao nível da recolha das imagens. Com uma longa experiência no campo da edição, sabemos as dificuldades sinónimas de uma obra com vários autores, os contratempos e as adversidades de montar o puzzle, até chegar ao objeto que estará nos escaparates das livrarias, nas mãos dos leitores.

No itinerário deste livro felicitamos o *know-how* e o *savoir-faire* de coordenação do Professor Miguel Figueira de Faria na estruturação do trabalho, na perícia de movimentos no âmago do próprio conhecimento histórico, bem como a cognição de todos os autores, alicerçados em bases e fundamentos sólidos e enfeitando sempre as noções e os rudimentos, e aplaudimos o trabalho invisível, aquele tão ambíguo que, sendo essencial, parece não se materializar, assumido e levado a efeito por Cristina Dias.

Numa época onde o virtual assume um tão grande protagonismo, com as atuais dinâmicas digitais onde o espaço ocupado, por maior que seja, configura-se invisível, pareceu-nos importante fazer esta pequena reflexão realçando o trabalho pessoal, individual, também invisível e imperceptível para tantos. Mais que uma opção, é nosso dever partilhar e elogiar publicamente este labor.

Bibliografia

CASTRO, Joaquim Machado de - *Descrição analytica da Execução da Real Estátua Equestre*. - Lisboa : Imp. Regia, 1810. - [XVI], XXXVI, 328, [VI] p., [24] f. est. : est. ; 23 cm. [Consult. 10 Out. 2013]. Disponível em <<http://purl.pt/960>>

FARIA, Miguel Figueira de (coord.) - *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio: história de um espaço urbano*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda; Universidade Autónoma de Lisboa, 2012

FARIA, Miguel Figueira de (coord.) - *Praças Reais, Passado, Presente e Futuro*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008